

## BREVE VISITA À CASA DE NATÉRCIA CAMPOS

João Soares Neto  
*da Academia Fortalezense de Letras,  
Associação Brasileira de Bibliófilos,  
mérito cultural pela Academia Cearense de  
Letras e presidente do Conselho Editorial  
das Edições Martins Filho da  
Imprensa Universitária da UFC.*

Quando da elaboração do programa deste Seminário **Panorama Literário** a Academia Cearense de Letras pediu que falasse sobre Natércia Campos. Pensei e não aceitei. Agora, um convite-intimação do Presidente Murilo Martins, me fez escrever, em menos de sete dias, este trabalho. É claro que já tinha material na cabeça, mas o arranjo é novo e não tem a pretensão de um ensaio acadêmico. É apenas uma apresentação para os participantes do seminário. O nome que escolhi para este documento é “BREVE VISITA À CASA DE NATÉRCIA”.

Não tenho dicas para o vestibular, tampouco faço crítica literária ou estabeleço outros juízos. O que desejo é apenas compartilhar com vocês o prazer de ter sido amigo de Natércia Campos e, ao mesmo tempo, falar alguma coisa do que vi, ouvi e li em sua vida e obra. O ideal seria que todos ouvissem com atenção.

Dividi, este trabalho, para efeito de entendimento e didática, em seis partes:

- Escrita feminina
- Quem era Natércia Campos
- O que falou e não está publicado
- Porque escreveu
- O que escreveu
- As últimas páginas

## Escrita feminina

Começo com uma pergunta clássica: Havia uma escrita feminina na obra de Natércia Campos?

A escritora e psicanalista Laéria Fontenele acredita que a maioria das mulheres escreve da mesma forma que os homens. Ela também acha que toda escrita é sobretudo masculina no sentido deve haver racionalidade com a gramática.

Parece, entretanto, existir uma forma feminina de escrever que não é privativa das mulheres. João Guimarães Rosa, James Joyce, Mia Couto e o letrista Chico Buarque de Holanda são exemplos dessa transposição do cânone. Eles, e muitos outros, criam palavras, mexem com o texto para dizer de forma singular o que não deveria ser dito da maneira tradicional.

O importante, no meu entendimento, é que homens e mulheres escrevam. Como escrevem é detalhe a analisar em cada escrita.

Sabe-se que no fim do século XIV e princípio do século XV, a francesa Christine de Pisan foi uma das primeiras escritoras, dita como profissional. Viveu de sua escritura e teve a ousadia de escrever, entre outros, um livro chamado “A Cidade das mulheres”, em que protestava contra a subordinação feminina e a educação diferente dada a meninas e meninos.

Outra francesa, Olympe de Gouges, séculos depois, exato em 1791, resolveu lançar “A Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã”. Vejam o que aconteceu: Foi guilhotinada em 1793 sob a acusação de escrever e ser como os homens. Continuava a dominação do homem em pleno Código Napoleônico.

Voltemos ao Brasil e ao Ceará e a um exemplo de escrita dita feminina-masculina. É bom quando uma mulher surge na literatura. Assim foi com Rachel de Queiroz, no princípio do século passado com “*O Quinze*” até chegar em “*Maria Moura*”.

Rachel, com seu jeito de cangaceira - Maria Bonita, mas sem obedecer a nenhum Lampião literário. Há quem diga ser masculina a escrita de Rachel.

O crítico Sandro Ornellas, sobre o assunto, diz: *“Assim como existem mulheres que escrevem como homens, há homens que escrevem como mulheres. Existem épocas inteiras nas quais uma pulsão parece mover turbas de homens a querer inserir-se no universo feminino. Os trovadores medievais ibéricos praticavam as Cantigas de Amigo e eram habilidosíssimos nessa escrita. É notória também a sensibilidade de Chico Buarque em produzir um estado de alma feminino em muitas de suas canções.”*

A literatura é uma forma de se reescrever o real, mesmo usando metáforas ou as alamedas da ficção. Os escritores, mulheres ou homens, falam de si, de suas entranhas, das coisas estranhas que acreditam ter visto ou sonhado, dos seus delírios ou do que imaginam querer deixar ferrado no lombo da posteridade.

Quem escreve está dizendo, mesmo que não o perceba, que precisa ser ouvido/ lido. A leitura é uma forma de audição silenciosa e ela é mais forte por estar grafada, podendo ser repetida hoje e sempre.

André Malraux dizia que

*“quem escreve, escreve um pouco por isso: por se sentir transitório, passageiro, e pela urgência de dizer, de se dizer, de deixar, talvez, suas cicatrizes sobre a terra”.*

Todos os escritores, especialmente as mulheres, assomiram, sem saber ou sabendo, um compromisso de saírem da (in)tranqüilidade de suas vidas para mexer, se possível, com a cabeça e os sentimentos de seus leitores. Ao criar um poema, escrever um conto, ensaio ou romance a mulher retrata o seu microcosmo com a sutileza que a fez um ser diferenciado. E ser diferenciado é não repetir os outros, é fazer-se própria, deslimitando-se das conveniências, enxergando com razão e alma.

Para mim, é irrelevante se a escrita é ou não essencialmente feminina. O importante é que a escrita feminina não

seja o estereótipo de uma relação entre personagens marcadas ou não pela paixão, amor ou desengano. Não se deve aceitar simplesmente que a escrita feminina seja só a da leveza, do privado, da delicadeza trágica e da subjetividade. Ela é isso, mas transcende a isso.

A escrita feminina é também o sumo da vida/ experiência transformado em palavras faladas, por exemplo, por uma personagem-casa construída em frases com imagens claras ou veladas açulando a perspicácia dos leitores verdadeiros.

Leitores verdadeiros são os que não deslizam os olhos sobre as páginas, mas os que conseguem interagir com o que está em cada palavra, parágrafo ou verso. É leitor verdadeiro quem consegue se abstrair do mundo real à procura de uma realidade inventada a partir da imaginação ou vivência de quem escreve e da empatia criada com o texto e com quem o produziu.

O feminino e o masculino devem se fundir nestes tempos não tão literários. E é bom quando os ventos sopram a favor do escritor ou escritora e podem ser bem menores ou maiores quanto a essência do que escreve.

## **A SEGUNDA PARTE É DIZER PARA VOCÊS QUEM ERA NATÉRCIA CAMPOS.**

### **Quem era Natércia**

Natércia é um nome português, com certeza. Imagino que o escritor Moreira Campos, seu pai, com sua cultura e ascendência portuguesa, lembrou-se de Luís de Camões ao dar o nome de Natércia à primeira filha.

Explico, tal qual aprendi: Camões saiu de Coimbra, onde estudava, para Lisboa, por volta de 1542. Quem sabe para conhecer melhor a história do reino. Era tempo do reinado de D.João III e, sendo Camões um fidalgo, participou de saraus e festas no palácio real e de missas solenes. Aí conheceu uma jovem, Caterina de Ataíde, com quem

desejava casar. Proibido o romance, entristeceu-se, criou um anagrama, e passou a chamá-la de Natércia em alguns de seus poemas.

Natércia é, pois, um nome camoniano.

Natércia Alcides Campos nasceu em Fortaleza em 30 de setembro 1939, quando eclodia a Segunda Guerra Mundial e o Brasil vivia os tempos do Estado Novo, com Vargas no auge do seu poder. O Ceará tinha Francisco de Menezes Pimentel como interventor e este prédio em que estamos abrigados momentaneamente era o Palácio da Luz, sede do governo estadual. Menina arteira, sadia, dividiu infância, juventude e parte da maturidade com família, pais, marido e filhos. Um dia, já madura, houve um instante em que zumbiu o bicho da literatura em seu ouvido. Resolveu e partiu para se tornar escritora. E o fez tão bem que recebeu prêmios e está aqui presente, embora em outra dimensão. Se estamos falando de Natércia Campos é porque ela tem dimensão maior que o tempo vivido e hoje não é deslembração, mas uma realidade misturada com a ficção que criou.

Ao cuidar dos filhos e netos, tecer um tapete, falar, trocar histórias com amigos, mandar cartas ou bilhetes, lembrar datas, dar um presente, oferecer um bolo, uma torta ou compartilhar dores e alegrias, Natércia era diferenciada.

Seu jeito alegre, meio maroto, manso e alvoroçado, ia derrubando barreiras e conquistando afinidades. Somos, uns mais, outros menos, depositários de fragmentos da história e das estórias de Natércia.

Aprumo no vestir, alegria no receber, disponibilidade ao telefone e a presença agradável nos encontros, foram algumas de suas muitas características. Natércia guardava tudo o que recebia e se orgulhava de compartilhar as vitórias de cada um. Sempre destacava o que pouca gente costuma ver. Ela era especial também, pois sabia que escrever é apenas uma das formas de buscar a essência do ser humano.

Um dos muitos livros que dei a ela, foi "*Mulheres de Olhos Grandes*", da escritora mexicana Ángeles Mastretta, e nessa ocasião lhe disse: Natércia você também é uma mulher de olhos grandes.

Ela permitia-se ter uma acuidade pouco comum. Via muito, além do aparente, no desmundo da criação literária onde se descontrói para criar.

## A TERCEIRA PARTE É O QUE NATÉRCIA CAMPOS ESCREVEU E NÃO FOI PUBLICADO

### O que escreveu

Garimpei e pincei centenas de páginas escritas por Natércia - e ainda inéditas. Alguns trechos são merecedores do compartilhamento com vocês pela beleza, sensibilidade, humor e até franqueza.

Escutem Natércia:

#### **Sobre a sua infância, ela diz:**

*Nem sei se já lhe contei que meus brinquedos eram arrumados na sala onde ficava a máquina de costura da minha avó. Tinha eu direito à gaveta grande, a do meio, para nela guardar os retalhos finos, rendas, véus, sobras de contas, miudezas. Certa vez eu brincava sentada no chão, imitando minha avó, apurada, costurando alguma coisa, e de repente levantei os olhos, talvez atraída pelos seus e ela estava parada olhando meu esforço e nunca me esqueci de seu sorriso nos olhos espalhando-se pelo seu rosto.*

*Entendíamos-nos sem afagos e beijos. Você sabia que ela também perdeu um filho? Assim herdei da minha avó este encabulamento, esta reserva de expansões.*

#### **Sobre medo e insegurança**

*Aqueles meses de infinita preocupação e paciência ensinaram-me, dia e noite, a viver sem dar tréguas ao desalentô, mesmo sentindo o fragor dentro de mim do medo, da insegurança, e de que as folhas simplesmente caem... e nada que possamos fazer impedirá.*

## **Sobre a família e a as bodas de ouro dos pais**

*Esta semana chegarão tios, primos, minha irmã Badida com os dois filhos (eles vivem em Recife) para as bodas de ouro. Nossos Clarissa e Ronaldo estarão chegando domingo, 13, e eu, a filha mais velha, estarei recebendo a família para a fotografia oficial das bodas de ouro, que será tomada aqui, no mesmo jardim em que meus avós posaram para o fotógrafo nos seus 50 anos de casados.*

*É, então, tempo de luz e sombra para mim – estes momentos felizes e a ausência do Zé, sombra absurda e doída.*

## **Sobre a afinidade e a influência de Câmara Cascudo na sua obra**

*Assim como um tear a unir fios, foi esse entrelaçar com um mestre escritor, sociólogo e folclorista mundialmente conhecido e respeitado – que me fez reviver em busca de raízes.*

*Através de seus livros, aprofundi-me nos costumes, tradições populares, fábulas, cantigas, acalantos, assombros, jogos, danças de roda (a milenar ciranda), artesanatos, superstições de antigas culturas que nos precederam e as que nos colonizaram.*

## **Sobre a sua imaginação e processo de criação**

*Meu imaginário é um mundo tão presente como o mundo real, do dia-a-dia. Semelha-se às plantas aquáticas que flutuam nos rios, sem raízes, levadas pelo vento...Mas, no entanto, são seguras e perenes na sua trajetória como se estivessem presas na própria água.*

## **Sobre suas leituras**

*Reli O Leopardo, de Tomasi de Lampedusa, e assim como ouvi dizer que o Vargas Llosa tem admiração pela personagem de Flaubert – Madame Bovary – eu há muitos anos me identifico com Dom Fabrizio – O Leopardo – de coração e alma.*

*É um homem inquietante que transmite aos seus força, poder e dentro de si uma solidão acabrunhadora, só encontrando refúgio em “recuerdos” de momentos vividos como lampejos.*

## **Sobre crianças**

*Hoje é 12 de outubro – dia de três datas: América-Aparecida-Criança – e me pego a pensar que esta última comercializada e comandada pela Xuxa e imagens da TV com alcances ilimitados, condicionado pelos padrões. E as outras crianças? As famintas ainda mais infelizes quando “protegidas” pela sociedade com suas Funabem! Imagino essas duas correntes, quando adultas, se encontrarem com seu despreparo e desamparo, ambas vítimas de todo um sistema. Aí penso nos nossos netos e tenho medo do que se avizinha.*

## **Sobre a tristeza**

*Dias atrás nesta lua cheia e encantada de agosto, fiquei em quarto minguante... com preguiça, mornidão, vontade nenhuma de ler, escrever, bordar, guiar, criar, fazer coisas, falar, falar – só escutar e imaginar.*

## **Sobre filhos e escrita**

*Certa vez, em uma feira, uma cigana leu minha mão e disse que eu teria 7 filhos. Só tive 6, às vezes, no meu mundo-concha, penso este filho brota em mim quando escrevo.*

## **Sobre ver a praia ao amanhecer**

*Fiç este contorno pela praia antes de enfrentar o dia. É uma coisa gostosa se viver no litoral, fica mais leve, a gente avoar no pensamento e nas asas das gaivotas e perder-se pela velha ponte do cais*

## **Sobre o seu livro Iluminuras**

*Que o meu livro Iluminuras tenha de vocês a bênção e seja como a zelação (as estrelas cadentes) que, ao correr nos céus da minha terra, sertão-mar, nos causa por instante surpresa e mistério, embora tudo logo se aquiete, perdurando, no entanto, em quem a vê, seu rasto de magia, ouro e luz.*

## **Sobre mulheres**

*O que temos em nós mulheres é a nossa essência constituída pela emotividade, amor e sensibilidade. A natureza nos abençoou, doando-nos esta força-mágica, a da intuição feminina e a bênção de sermos mães.*



### **Sobre cirurgia plástica**

*Fui a um jantar só de mulheres em um hotel. O primeiro da minha vida. Não gostei. Falava-se das plásticas, tinturas, visual etc e eu olhava ao redor e sentia que esses pseudos rejuvenescimentos são um engodo. Fica o rosto feito máscara, liso, absurdamente diferente dos braços, das mãos, do andar... É todo um conjunto, não adianta mexer num item... Quebra-se a harmonia.*

### **Sobre o amor na maturidade**

*O amor maduro é porto. Talvez nele eu ancore meu outono, e, pela vez primeira, me deixe levar como as folhas e pela aragem dos ventos... algo que não consegui nos reinos vividos, exaustivamente, da primavera e do verão.*

### **Sobre o dia de amanhã, ela sugere:**

*quem sabe quando você acordar, a manhã já se chegue com tímidos raios de sol e você ficará sem saber se sonhou ou não com alguém afastando a cerração, a cruviana, e a certeza de que o sol, a vida lhe aquece a alma e que este dia surge com novos desafios e noites*

Assim é Natércia Campos. Clara, cristalina.

## **A QUARTA PARTE É: PORQUE NATÉRCIA ESCREVEU**

### **Por que ela escreveu?**

Natércia escreveu porque estava impresso no seu DNA. Estava lá a marca. Mas seria preciso Natércia ir se descasando para vestir novamente um véu, não o branco das núpcias, mas o gris da literatura e navegar penetrando no maculado mundo onde a pureza pode estar no estilo, nunca no que se produz, pois enervado, entranhado no real que se transfigura como disfarce em cada relato, seja breve ou longo.

Parece que era preciso que fizesse isso. Seus sonhos de jovem estavam se desfazendo e urgia a construção de outros: os da mulher maturada no desengano, mesmo a custo de lágrimas convertidas em palavras. Havia um emaranhado subliminar criado a partir de uma identidade literária com lendas e mistérios e a essência plasmadora do grande mestre Câmara Cascudo, folclorista, antropólogo e escritor.

Estava sendo aberta a senda por onde passariam seus contos, relatos de viagem e romance.

A sede de ler viera de longe, já tinha se apropriado de clássicos e contemporâneos para depurar o seu gosto, acutillar o senso das coisas, vulcanizar angústias e aninhar os seus novos sonhos. Em Câmara Cascudo fez uma parada técnica e de lá partiu só e autônoma como se tornou e firmou na escrita e na vida.

Mulher de muitas amizades, poucos amores e tipo de mãe das que já estão rareando, foi imprimindo fidelidade e sutileza a tudo que sabia ser importante para si e os seus.

As muitas cartas trocadas com Jorge Medauar, um poeta e escritor baiano radicado em São Paulo, são uma prova de sua amizade com o casal Odete e Jorge e um caudal de rejuvenescimento afetivo, além de crônicas do cotidiano com registro de fatos relevantes a cada dia. Há material para alguns livros, um deles já editado e concluído, esperando apenas o tempo certo para ser publicado.

Do mesmo modo, a sua dedicação a Osvaldo Lamartine de Faria, rio-grandense do norte, sertanólogo, conterrâneo e amigo de Câmara Cascudo, contemplava outra versão de Natércia, a de curadora de queixumes e pastoreadora de desenganos. Foi ela quem, de forma esmerada, organizou o livro “Em Alpendres de Acauã”, uma série de entrevistas - depoimentos e conversas com Osvaldo Lamartine. Na sua apresentação, diz Natércia, parecendo falar de si mesma:

*“Rede e alpendre nos levam ao embalo das vozes dos contadores de histórias. São eles donos do condão-mágico de fazer com que os ventos*

*desçam em círios e os fogos dos candeeiros mantenham seu mistério de luz e sombra na longa vigília, para melhor serem escutadas suas evocações”.*

Desse relacionamento com Oswaldo, tão rico e duradouro, resplandeceu uma leitura ainda mais aprofundada de Câmara Cascudo, com tudo o que a sua genialidade espargiu em obras. Essas leituras foram ferramentas básicas para a impregnação, o entrelaçamento de mistérios e lendas que medeiam e embasam toda a trama de “A Casa”.

*“Presenciei durante várias gerações a presença Dela (a morte) abrindo portas, refletindo-se no grande espelho ao invadir meus espaços e muito aprendi sobre suas metamorfoses”.*

## **A QUINTA PARTE É O CONJUNTO DA OBRA DE NATÉRCIA**

### **O que ela escreveu**

É claro que os livros *Iluminuras* (contos), *Por terras de Camões e Cervantes* (relato de viagem, já madura, a Portugal e Espanha), *A Noite das Fogueiras* (romance) e *Caminho das Águas* (relato de passeio pelo rio Amazonas), são bons, mas não caberia aqui neste curto tempo analisá-los. Vale, pelo menos, fazer um comentário breve e pessoal sobre *Iluminuras* e, em seguida, sua obra basilar que foi construir “A Casa”.

Sobre o livro *Iluminuras*, que ganhou o prêmio Nestlé de Literatura Brasileira, em 1988, escrevi na página 159 de sua 3a. edição, publicada em 2002, o seguinte:

Natércia,

Ainda bem que somos amigos. Você parece um desses duendes ou magas que vagueiam pelo mundo criando mitos, magias, dores, espantos, águas e profundezas de mar e

rio, mortos-vivos e vivos morrendo. Você brinca, sofre, cria, pari, mata, como se estivesse, com a morte, exorcizando personagens que não pediram para nascer. *Iluminuras* é um livro de seca, chuva, assombro, dor e mágoa, como uma dupla torrente de benefícios e malefícios com mistérios de luzes, lampiões, faróis e sombras. Não há como livrar os olhos de seus ataques vários e, a cada página e em cada história, vão sendo tecidas as reinações de uma escritora encantada que, resgatando os dizeres, crenças, mezinhas e assombrações da gente do mato, nos brinda com a aflição de sentir os pêlos dos braços arrepiando e suspirar fundo no ponto final de cada conto.

Iluminatércia, ave.

### **Agora, vamos a A Casa:**

*A Casa* é romance curto que, no dizer da própria Natércia, tem “segredos múltiplos da reminiscência, o mundo que vive em nós, obscuro e palpitante”.

*A Casa* possui uma engenharia social, densidade e mistério que poucos se dão conta. Com ela ganhou um prêmio literário, mas não valeu apenas o novo prêmio - pois já havia sido premiada com o conto “A Escada” e o livro *Iluminuras*.

A trama, a essência e os arcanos, parágrafo a parágrafo, tijolo a palavra, sedimentam a sua densa estrutura dramática. E aí Natércia chegou à esta Academia Cearense de Letras e à Academia Fortalezaense de Letras, não por ser filha de Moreira Campos, nem por artes e manhas tão conhecidas, mas pela consagração irrestrita ao seu trabalho literário.

E por falar na sua obra master *A Casa*, seria bom que cada um de nós aproveitasse, lesse ou relese esse curto, denso e belo romance, com o acompanhamento cuidadoso da palavra da narradora, a própria casa. Parece que Natércia vai testando, a cada parágrafo e a cada página, a atenção do leitor. Por que não imaginar que Natércia tenha escrito *A Casa* como um discurso alegórico de vida?

Não leu *A Casa* quem não se deteve, mais de uma vez, e respirou fundo para prosseguir. Cada leitor pode ser um inven-

tor e buscar, nas próprias história e vida, a lente especial que lhe permitirá estabelecer conjecturas, decifrando-as e, a seu modo, construir a casa da sua realidade ou dos seus sonhos.

Recentemente, a grande escritora e amiga, Ana Miranda, mandou-me um e-mail carinhoso falando de minha amizade com a Natércia e antecipou, para mim, o artigo que seria publicado na revista Caros Amigos, deste agosto de 2005, sobre A CASA.

O artigo é curto e bem escrito, como costumam ser as coisas da Ana Miranda. Ei-lo:

*Numa viagem que fiz a Fortaleza, há uns quatro anos, ao final de uma alegre conversa com pessoas da cidade veio falar comigo uma senhora muito bonita, leve, delicada. Era a escritora Natércia Campos, e vinha acompanhada de sua filha, também bonita, também escritora, pelo que me recordo. Natércia disse ter nascido na Praia de Iracema, e disse-lhe que eu também nascera ali, o que estreitou nossa tênue afeição que nascia. Ela era filha do grande escritor cearense, Moreira Campos, falecido uns anos antes. Disse-lhe que em minha família havia uma tia Natércia, que eu gostava muito desse nome recordativo e sertanejo. E ela me deu um livro de sua autoria, com uma dedicatória: "Transponha a soleira desta casa de alicerce minhoto, plantada no sertão-velho do Ceará e seja bem-vinda". Convidou-me a algum dia visitá-la em sua casa, onde me receberia com tapiocas e outras delicias da culinária cearense.*

*O livro era A casa. Um nome especialmente atrativo para mim, que sempre amei casas. A casa é feminina, como tudo aquilo que foi inventado para fixar o ser humano à terra. A casa pode simbolizar infinitas imagens. Num fundo ocre, estampava a capa uma aquarela em que se via uma casa de fazenda, com varanda, plantada em meio a um vale, uma montanha ao fundo, céu escampo. Quando abri o livro de Natércia, com epígrafes muito bem escolhidas e um texto introdutório com a altivez da simplicidade, e passei ao romance, fui tomada de um encanto tamanho que não sabia mais estar lendo ou flutuando. A linguagem de Natércia é lírica, mesmo contendo o agreste da região e a tragédia do mundo.*

*A idéia do livro, fabulosa, é quase um ovo de Colombo. A casa fala, a casa é a narradora, e vai contando primeiro como foi construída, seus esteios, madeirames, suas divisões, paredes, janelas, de uma forma crente e firme. Ali vivem gerações de personagens os mais fabulosos, com suas histórias enraizadas, sempre inesquecíveis personagens, repletos de*

*humanidade e mistérios. A passagem de um a outro tempo é feita de maneira tão sutil que quase não a percebemos. Mas o tempo é implacável, e vai levando tudo em seu arrojo.*

*A voz da casa não é feita de argamassa, nem de madeira, mas de vento e luz. A voz da casa vem de uma lembrança arcaica, quase da fonte primordial das palavras. Sentimos o conhecer profundo da região, do passado, quando naturalmente escapam almenaras, santos gados, rosas-de-jericó, camândulas, palavras escolhidas com sobriedade e sabedoria literária, transportando todo o texto até o mundo ao qual pertence. Sua voz desliza entre as histórias quase sem fixá-las, deixando-nos a sensação de que o tempo pode ir e retornar, de que as palavras são eternas. O decorrer das frases é como o abrir de uma flor, tão suave.*

*Quando voltei a Fortaleza, no ano passado, muito teria eu a conversar com Natércia sobre minhas impressões a respeito de seu extraordinário livro, que considero um dos clássicos não apenas do nosso Ceará, mas da literatura nacional. Porém recebi a triste notícia, que me deixou consternada: Natércia partira para o outro mundo. O Destino conduziu seus cavalos na noite. Ficou aqui a sua sólida construção, e o seu sonho, "uma fluida aquarela a espriar-se refletida no cristal das águas".*

## **A SEXTA E ÚLTIMA PARTE É O SEU COMPORTAMENTO NA DOENÇA QUE A VITIMOU**

### **As últimas páginas**

Natércia ainda escreveria, sem usar papel e tinta, as páginas mais lúcidas, belas e densas de sua história, ao ter comportamento surpreendente, para alguns, mas natural para a família e amigos que a conheciam de perto.

Nos seus dois últimos anos, Natércia se fez Natércia e lutou com a bravura dos que sabem de si. Espargiu, sem alardes, ensinamentos a todos os seus filhos e aos muitos amigos que nunca a viram triste, descuidada, chorosa ou a implorar mercê. Até seu último instante de lucidez, cercada pelos que a amavam, foi a mulher que dirigia a cena, os olhos comunicando mais que palavras, serena, dócil, coerente e tão clara como a manhã que a arrebatou e nos deu a todos, paradoxalmente, a alegria permanente de sua presença essencial.

Nesta tarde, quase noite, a hora das trindades, como ela diria, é tempo de louvar Natércia, e reconhecer que os seus pares daqui da Rua do Rosário não se reuniram em compadrio para torná-la Acadêmica. Apenas fizeram justiça. Não em nome do pai, Moreira Campos, mas em nome da filha, Natércia, e do Espírito Santo que a protegeu, mesmo que sua fé fosse um amálgama de iluminuras e crenças que se fundiram em uma Casa para encantá-la e encantar-nos. A vida de Natércia, transformada, transformadora, quis ser acesa em alguma paragem, em dimensão outra, e nos dar a sensação da presença-não-presença e do enlevo-desengano, obra do que se sente e não se explica. E hoje, amanhã e sempre, será parte do húmus da terra, fazendo brotar quimeras, em meio à saudade que não é metáfora, e não está fora, pende dentro, em lugar inacessível aos olhos alheios.

Muito obrigado a todos.